

Da pré-história ao suplemento: espirais de um percurso

MEMORIAL
(Atividades 1992-2015)

Paula Glenadel Leal

Matrícula SIAPE: 0311559

Universidade Federal Fluminense

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas

Março de 2015

Sumário

1. Introdução

2. Uma “pré-história”

3. Atuação em ensino

4. Atuação em pesquisa

5. Atuação em extensão

6. Atuação em gestão acadêmica

7. Produção profissional relevante

8. A escrita literária: um suplemento

Anexo (Comprovantes de produção não contemplada pela resolução CEP nº. 543/2014, porém relevante para o percurso apresentado no Memorial)

1. Introdução

(...) aquilo que está para ser feito, o que se pesquisa como ato de *per quaere*, não se situa nunca no registro de uma *poiesis*, como uma obra cujo esquema já estaria previamente traçado, mas no registro de uma *praxis* que, de relevante, só produz mesmo, retrospectivamente, seu próprio agente.¹

A proposta do pesquisador e professor da Universidade Federal de Santa Catarina Raúl Antelo, acima referida, vem dar o tom daquilo que acredito que pode corresponder a um Memorial de atividades realizadas na área de Letras: o relato da invenção de um agente não preexistente a suas pesquisas. Em sendo assim, esse agente não poderia relatar uma relação de maestria com dóceis objetos à disposição da sua subjetividade estável através dos anos decorridos. Em vez disso, encontrando-se e desencontrando-se como sujeito a partir desses objetos, num percurso que não dispõe de itinerário prévio, *sujeito* ao acaso, ele descreveria aqui um movimento em espirais, onde cada volta, sem fechar-se num círculo, relançaria a próxima, indefinidamente, até o fim do tempo disponível, cuja conta rebelde não se deixa ainda conhecer. Eu gostaria, então, de imaginar um princípio de *différance* como motor deste Memorial, ou melhor, da *carreira*, da corrida veloz, que ele viria registrar.

Em *L'expérience intérieure*, o filósofo Georges Bataille expressa repetidas vezes o objetivo de sair do projeto – do qual a formulação mais lapidar e aguda, oximórica, seria a seguinte: “Princípio da experiência interior: sair por um projeto da esfera do projeto”². Opondo a experiência ao projeto, o filósofo a caracteriza como sacrifício, naufrágio ou não-saber, e alinha a poesia nessa perspectiva: “Da poesia, direi agora que ela é, creio, o sacrifício em que as

¹ ANTELO, Raúl. A pesquisa como desejo de vazio. In: SCRAMIN, Susana (org.) *O contemporâneo na crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 2012, p.16.

² BATAILLE, Georges. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954, p. 60.

palavras são vítimas.”³ Contudo, a poesia, obra de palavras, é o contrário do seu projeto de sacrificar as palavras numa experiência interior que fosse capaz de abalar as nossas condições de vida e de pensamento, numa saída em direção ao *êxtase*, ao *informe* ou ao *impossível*, que desde a modernidade aparece como a tarefa prioritária da arte e da filosofia. Assim, “a poesia é sempre, em certo sentido, um contrário da poesia”⁴, como ele propõe na sua leitura do sentido geral da obra do poeta Charles Baudelaire. Através da paradoxal formação de um projeto para abolir o projeto, a proposta de Bataille parece poder ser enunciada apenas de maneira oblíqua, indireta, *contra* (nos dois sentidos da palavra, “em oposição a” e “em contato com”) um fundo de perda de sentido. O mesmo ocorreria com o percurso de atividades retratado neste Memorial: trata-se da narração de um contínuo fluir da linguagem contra si mesma, entre clareza e obscuridade, projeto e experiência, continuidade e interrupção, nesse campo de batalha que lhe oferece um sujeito humano falante, inserido em uma determinada configuração cultural.

Invocando essas perspectivas, abro as poucas páginas que seguem, onde se constatará mais uma vez, se o seu objetivo tiver sido alcançado, que “Uma identidade não é jamais dada, recebida ou atingida, não, apenas se passa pelo processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação.”⁵

³ *Ibidem*, p. 156.

⁴ BATAILLE, Georges. *La Littérature et le mal*. O. C. T. IX. Paris: Gallimard, 1979, p. 197.

⁵ DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996, p. 53.

2. Uma “pré-história”

A expressão *pré-história* vem assombrar todas as considerações que se seguem, tingindo-as de uma certa imprecisão, na inevitável consciência de que todo arquivo cria a memória que ele vem documentar, e de que todo testemunho é invadido por ondas de ficção⁶ que transformam o eu em ele⁷. Nesse sentido, no sentido mesmo do *pressuposto* de unidade que toda narrativa histórica traz consigo, postulado ao qual é preciso aqui obedecer, em função das leis do gênero, tal narrativa aparece como pré-histórica, isto é, *previamente* organizada de maneira histórica – constituindo um relato cuja unidade não é natural e necessita tanto ser fabricada (no mundo do projeto) quanto ser assumida na sua qualidade de fabricação (no mundo da saída do projeto).

Assim, oscilando entre o “eu” e o “ela” neste primeiro momento do Memorial, seguem-se alguns enunciados que tentam dar conta dessa difícil tarefa de traçar uma espécie de autobiografia intelectual e acadêmica tão objetiva quanto possível, de modo a dar ao seu leitor elementos para avaliar a relativa coerência, mas também a singularidade tropeçante do percurso realizado até aqui.

Talvez o fato de a então aluna do Liceu Franco-Brasileiro com nítida aptidão para as ciências humanas ter considerado três opções de curso universitário (Filosofia, Sociologia e Letras), diante da etapa do concurso vestibular que representava naquele momento (era o começo dos anos 1980) a possibilidade de entrada em uma universidade, explique o encaminhamento das minhas pesquisas posteriores na direção da confluência entre literatura e filosofia. Por outro lado, o abandono da sociologia, ou pelo menos a sua não retomada em

⁶ “Há um gênio do testemunho que nos lembra que o ato testemunhal é poético ou não existe, a partir do momento em que ele deve inventar sua língua e formar-se num performativo incomensurável.” DERRIDA, Jacques. *Demeure*. Maurice Blanchot. Paris: Galilée, 1998, p. 109.

⁷ “Há, desde o *incipit*, divisão do sujeito. E mais de uma idade. (...) Essa passagem ao ‘ele’, à terceira pessoa, o jovem, significa, claro, a elipse de alguém que não vai se colocar na frente e se expor indiscretamente. (...) Mas o terceiro marca também essa divisão que se introduz na identidade de Maurice Blanchot como narrador e como jovem de que fala o narrador.” *Ibidem*, p. 65-66.

perspectiva comparada com os estudos literários, permanece à primeira vista inexplicado. Provavelmente ele se justifica pelo fato de que a aluna em questão não tinha muita noção real do que era o objeto da sociologia... Seja como for, é possível afirmar que algo de reflexão sociológica se insinua no dia a dia docente, na medida em que nele é preciso lidar constantemente com diferenças socioculturais, que moldam a relação dos estudantes entre si, com os estudos e com o professor.

Acabei optando pelo curso de Letras (que realizei na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na habilitação Licenciatura Português – Francês), devido a um grande apego que já tinha por tudo aquilo que envolvesse a descoberta de novas possibilidades linguísticas, oferecidas pelo aprendizado e pela reflexão sobre línguas estrangeiras e a língua dita materna. Na época, eu já tinha razoável conhecimento de inglês e de francês, embora estivesse começando a me interessar mais por esta última língua e pela cultura veiculada por ela. Posteriormente, durante o final dos anos 1980 e o começo dos anos 1990, vim a adquirir conhecimentos básicos de italiano e de alemão, como forma de ampliar esse campo de reflexão. Desde então, essas duas línguas ficam sempre em espera, e um possível retorno a elas constitui mais um dos horizontes abertos do meu percurso.

Esse aspecto voltado para as descobertas linguísticas, além da relação com a filosofia, também foi possivelmente o que me motivou a começar, a partir de certo ponto da carreira acadêmica (iniciando no ano 1999 e avançando até os dias de hoje), uma linha de atuação no campo da tradução, que vem se desdobrando tanto numa prática de tradutora (especialmente de poesia francesa) quanto numa reflexão de cunho teórico sobre a tradução como espaço de questionamento das categorias metafísicas do mesmo, do próprio, do centro, em proveito das figuras do outro, do heterogêneo, da margem.

Emendei o final da Licenciatura na UFRJ com o Mestrado, defendido em 1989; e comecei em 1990 um Doutorado na mesma universidade, porém o interrompi para mudar-me para a Espanha, por motivos pessoais e familiares. Ali vivenciei com prazer a língua e a cultura espanholas e novamente comecei um Doutorado, no Instituto de Cooperación Iberoamericana da Universidad

Complutense de Madrid. Entretanto, apesar de eu ter apreciado bastante os seminários e o convívio com os colegas (quase todos latino-americanos) e com os professores (quase todos espanhóis), esse curso também seria interrompido, talvez pela carência de formação básica referente ao espaço latino-americano que marcou e ainda marca a educação brasileira (em todo caso, a que eu tinha recebido), talvez por um certo ar colonial muito discreto que ainda pairava no ar e matizava todas as relações, talvez por eu não ter me sentido muito bem afinada com aquele espaço “ibero” que era, obviamente, muito mais espanhol do que português, talvez, enfim, porque a literatura era apenas “mais” uma disciplina naquele contexto, entre a demografia, a economia e outros saberes que me interessavam menos. Destaco a grande oportunidade que foi ter tido então aulas de literatura com o chileno Jorge Edwards e com o argentino Blas Matamoro, representantes destacados da intelectualidade latino-americana, que foram os professores que mais marcaram essa etapa e de quem me lembro ainda hoje. Porém, mais importante do que isso tudo, havia um motivo material que tornava inviável a continuação do curso, que era o de não ter conseguido a bolsa de que eu necessitava para minha manutenção naquele país.

De retorno ao Brasil, o concurso público de provas e títulos prestado na Universidade Federal Fluminense no final de 1991 deu à doutoranda de 28 anos que residira cerca de dois anos em Madri a ocasião de iniciar uma carreira de professora universitária. Com pouquíssima produção acadêmica (a produção discente na época não era estimulada pelos Programas de Pós-Graduação como ocorre nos dias de hoje, em que o ritmo geral das publicações, tanto no caso de docentes como no de discentes, vem se acelerando cada vez mais) e bastante inexperiente em sala de aula (tendo lecionado até então apenas durante um semestre na Aliança Francesa do Rio de Janeiro, antes da concessão da bolsa de Mestrado), foi surpreendente a sua aprovação e posterior contratação, por expansão da vaga original, decisão tomada pela Universidade de modo a aproveitar todos os aprovados do concurso, em que ela foi a quinta e última colocada.

Após tomar posse do cargo de Professora Assistente, em 1992, reingressei no Doutorado na UFRJ e defendi a minha Tese em 1996. De lá para cá, venho lecionando, desenvolvendo pesquisa, orientando, escrevendo, traduzindo, organizando eventos e publicações, apresentando trabalhos, integrando comissões, bancas e conselhos editoriais, além de ter participado em diferentes níveis de gestão acadêmica. Como perspectiva futura, imagino-me fazendo essas mesmas atividades, mas eu gostaria que elas fossem feitas de maneira cada vez mais madura, leve e confiante, considerando que a questão da minha inserção institucional encontra-se já bastante bem resolvida neste momento.

A oscilação entre o uso da primeira e da terceira pessoa gramatical nesse momento inicial da anamnese vem, de certo modo, expressar a surpresa diante da nova história que começava: a história dos desafios e das soluções existenciais encontradas por uma personagem que parece tão remota, tão outra, nessa observação à distância e com quem, paulatinamente, à medida que os eventos vão se aproximando deste ponto de enunciação do Memorial, no deslizamento do presente em direção a um passado tensionado por um futuro que se prepara nas suas dobras, vai ocorrendo uma identificação – interrompida de vez em quando, é certo, por uma nova tentativa de estranhamento, como foram, por exemplo, as expansões na direção da atuação como tradutora e como poeta. Pois acredito na necessidade de reinvenção (dos métodos, dos objetos de pesquisa e ensino, do olhar) como parte fundamental da carreira de magistério e de pesquisa, sem o que ela se torna exercício do *poder*, mera repetição e engessamento intelectual, criando obstáculos para a comunicação com os alunos e com a sociedade.

3. *Atuação em ensino*

Minha relação com o exercício do ensino começa praticamente junto com o ensino universitário, uma vez que, antes da UFF, minha única experiência docente era ter lecionado durante um semestre na Aliança Francesa.

Aos 28 anos, mais jovem do que alguns alunos e, apesar de apaixonada pelos idiomas também no nível fonológico, tendo em geral, por uma característica pessoal de timidez, preferido a expressão escrita em relação à expressão oral, era-me então fundamental e urgente construir simultaneamente um desembaraço e uma imagem de seriedade em sala de aula. Esse paradoxo, ainda não resolvido, continua a alimentar a minha conduta pedagógica. Ele me leva a manter uma posição de equilíbrio em oscilação, entre a profundidade das questões trabalhadas (sobretudo levando-se em conta aquela articulação com a filosofia já comentada e que será desdobrada mais adiante, na apresentação do percurso de pesquisa) e a importância do riso, descoberta progressivamente, como método de acesso ao sentido e ao não-sentido expressos pela linguagem em geral e pela literatura em particular. Assim, para mim, haveria essa justa tonalidade a ser buscada: seriedade sem sisudez, que também poderia ser descrita como humor pensativo.

O riso interrompe os circuitos habituais de significação e permite a irrupção do acontecimento, entendido como chance dada ao incalculável. Aquilo que tinha sentido revela-se como insensato, o que não tinha sentido subitamente começa a significar algo novo, através de um *Witz* que renova a compreensão do mundo. Mais uma vez, a lição de Bataille é importante para mim quanto a esse ponto; como aponta Derrida em relação à sua obra, “(...) a gargalhada é esse quase nada no qual se afunda absolutamente o sentido.”⁸

Progressivamente, a prática do ensino foi desenvolvendo ao longo do tempo minha consciência de que, ao professor da área de Letras, cabe, mais do

⁸ DERRIDA, Jacques. De l'économie restreinte à l'économie générale. Un hégélianisme sans réserve. In: _____. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967, p. 376-377.

que ensinar tópicos e conteúdo da sua disciplina, principalmente influir na capacidade de leitura do mundo por parte dos alunos. Essa tarefa geral das Ciências Humanas se torna ainda mais imperiosa em nossa área, devido a sua concentração na linguagem.

E também desenvolvi uma espécie de consciência discursiva quanto ao caráter teatral das interações verbais, que terminou por influenciar minhas pesquisas, no sentido de uma redescoberta da importância do teatro como lugar de questionamento dos impasses da cultura humana, e assim ele foi abordado em meu penúltimo projeto de pesquisa. Digo redescoberta, pois minha Dissertação de Mestrado tinha tido como tema a obra do irlandês bilíngue Samuel Beckett, romancista, poeta e principalmente dramaturgo, uma vez que sua contribuição para o teatro traz uma abordagem dessa linguagem artística ainda mais inovadora do que sua contribuição para a linguagem romanesca, a meu ver.

Embora eu tenha prestado concurso para Língua e Literatura Francesa, venho me concentrando no ensino da Literatura Francesa, sempre que isso é conveniente às necessidades do setor e do departamento, isto é, quase sempre, fato que vem contribuindo de maneira positiva para estabelecer ressonâncias entre minha atividade docente na Graduação e minha atuação de pesquisadora e professora da Pós-Graduação na área de Estudos de Literatura, onde venho desdobrando notadamente uma pesquisa sobre poesia e filosofia.

Com o passar dos anos e a repetição das disciplinas oferecidas, tenho me esforçado para não ceder à facilidade (decerto entediante, mas efetivamente tentadora, no contexto de uma profissão tão exigente em termos de tempo, concentração e criatividade como a complexa docência universitária) de rerepresentar ementas já trabalhadas, buscando sempre renovar a perspectiva, assim como as obras literárias e os textos críticos lidos com os alunos.

As orientações em Iniciação Científica e na Pós-Graduação (tanto a *Lato Sensu* em Tradução-Francês quanto a *Stricto Sensu* em Estudos de Literatura, antes denominada Literatura Comparada) vêm sendo a ocasião para desenvolver um tipo de ensino elaborado e personalizado, em geral bastante gratificante, onde

é possível extrapolar o contexto mais canônico do currículo e arriscar-se em direção a regiões de estudo menos exploradas.

Cabe destacar que alguns dos meus antigos orientandos tornaram-se também professores universitários: Pablo Lemos Berned, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo; Wilson Coêlho Pinto, Escola Técnica de Teatro, Dança e Música, FAFI, Vitória; Carla da Silva Miguelote, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Franklin Alves Dassie, UFF; Marília Garcia Santos, Instituto Superior de Educação Vera Cruz (São Paulo) e UNIRIO (contrato temporário); Mara Conceição Vieira de Oliveira, Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora e Faculdades Integradas Vianna Junior, Juiz de Fora.

Em resumo, o objetivo do meu trabalho de ensino universitário tem sido, principalmente, o de tentar desfazer certa mitologia da especial “dificuldade” do texto poético que desencoraja muitos estudantes a se aventurarem por esse terreno, enfatizando a complexidade e a abertura de qualquer produção literária e questionando os modelos críticos facilitadores como ilusão metodológica.

4. *Atuação em pesquisa*

Como apontei anteriormente, minhas pesquisas me levaram a estudar as relações entre literatura e filosofia. Após concluir o doutoramento pela UFRJ em 1996, com a defesa da Tese sobre a obra de Donatien-Alphonse-François de Sade (intitulada *Perversão e doxa em Sade*), depois da Dissertação de Mestrado feita na mesma Universidade sobre a obra de Samuel Beckett (intitulada *Samuel Beckett: o nomadismo da linguagem* e defendida em 1989), escritores que trazem em suas obras questões “filosóficas”, venho desenvolvendo na UFF projetos de pesquisa na área das relações entre literatura e filosofia, cruzando constantemente algumas questões de tradução, especialmente a partir das reflexões de Walter Benjamin, Jacques Derrida e Michel Deguy, entre outros. Recapitulo brevemente o teor desses projetos, para mostrar algumas dessas linhas que vêm atravessando as minhas pesquisas.

No primeiro dos projetos desenvolvidos como Doutora, *Poesia francesa moderna e contemporânea*, partindo do discurso poético francês da modernidade (Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Arthur Rimbaud, os surrealistas) e da contemporaneidade (Michel Deguy, Jacques Roubaud), procurei investigar como a poesia pode se conjugar à filosofia na produção de pensamento, em igualdade hierárquica, porém com procedimentos específicos. Tratou-se de um projeto bastante geral, porém profundamente importante para a trajetória de pesquisa que ali se reforçava, desta vez como pesquisadora independente, passado o momento de realizar pesquisas sob a supervisão da orientadora de Mestrado e Doutorado, Celina Maria Moreira de Mello. A partir desse projeto, então, mapeou-se uma área de interesse em poesia que vem sendo a área prioritária das pesquisas que desenvolvo.

No segundo projeto, intitulado *Figurações da passagem no Brasil contemporâneo: uma análise interdisciplinar da estrutura híbrida da cultura brasileira*, com uma proposta de reunir um grupo de pesquisadores em torno desse tema, que seria abordado por cada um em sua área específica e com um *corpus*

diferente, articulei uma reflexão comparada entre um poeta francês (Michel Deguy), um poeta brasileiro contemporâneo (Alexei Bueno) e um compositor de música popular (Chico Science), movida pelo desejo de dialogar acerca das questões da sobrevivência espectral de um passado cultural. Desse grupo faziam parte Luiz Fernando Medeiros de Carvalho (então professor da UFF em atividade), Ângela Maria Dias (UFF) e Francisco Venceslau dos Santos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Alguns desses parceiros continuaram a desenvolver atividades junto comigo, desde a organização de eventos e publicações e a participação em bancas de conclusão de nossos orientandos, até a interação em um grupo de pesquisa do CNPq (Luiz Fernando Medeiros, Ângela Dias), como será explicitado adiante, e um deles foi editor do meu primeiro livro de poesia (Francisco Venceslau, que mantém a sua editora Caetés em funcionamento já há muitos anos).

Meu terceiro projeto, intitulado *Poesia contemporânea e animalidade*, inicialmente desenvolvido em estágio pós-doutoral na França apoiado pela CAPES entre 2001 e 2002 e continuado no Brasil, aprofundou alguns aspectos das relações entre poesia e filosofia; nele, com supervisão do poeta e filósofo Michel Deguy, busquei interpretar as implicações de um pensamento da animalidade para a subjetividade poética. Durante esse estágio, além de investigar o tema através de material bibliográfico, tive também a oportunidade de encontrar pessoalmente alguns interessantes poetas franceses que já tinham trabalhado com esse tema: José Lapeyrère, Jacques Dupin, Jude Stéfan.

Em 2003, após o meu retorno ao Brasil, foi formado o Grupo de Pesquisa que lidero com André Rangel Rios, da UERJ, intitulado *Relações entre Literatura, Filosofia e Psicanálise na contemporaneidade* (LIFIPs). A psicanálise comparece nesse momento em função do trabalho de alguns colegas do grupo, mas também devido à sua pertinência para o tipo de trabalho filosófico pós-estruturalista que vem dando a tônica da minha pesquisa. Posteriormente, Ângela Dias convidou-me também para liderar junto com ela o Grupo de Pesquisa *Literatura Brasileira e Cultura Contemporânea*, formado em 2002, registrando assim, de mais uma maneira, nossa interação profissional.

O quarto projeto, intitulado *Ressurgência barroca na contemporaneidade francesa*, mantendo-se ligado à poesia e ao contemporâneo, incluiu como objeto de análise também a prosa e o discurso da filosofia (Jean Genet e Jacques Derrida, além do poeta Jude Stéfan) devido à maior abrangência do tema (a paradoxal presença de traços barrocos na arte e no pensamento da contemporaneidade).

O quinto projeto, intitulado *Figuras do afundamento: sujeito e sentido na modernidade e mais além*, revelou-se de grande produtividade para pensar modos diferentes de posicionamento do poeta e do crítico frente ao afundamento, ao vazio de sentido, à falência dos discursos transcendentais desde a modernidade (partindo da obra de Stéphane Mallarmé), movimento que se espraia em direção ao contemporâneo. Este projeto marcou meu início como bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em 2007.

O sexto projeto, também apoiado pelo CNPq com bolsa nível 2 a partir de 2010, intitulado *Mínimos teatros: poesia contemporânea e ética*, trazia a proposta de observar (em Valère Novarina, Nathalie Quintane, Stéphane Mallarmé) a invenção de uma mínima ética na escrita poética contemporânea, através do recurso a uma certa teatralidade que busquei definir, contemplando novas humanidades e novas animalidades, além das já representadas na poesia e no teatro da modernidade.

O atual projeto, intitulado *Poéticas do acaso na modernidade francesa e na atualidade*, partindo destas últimas considerações, retoma alguns resultados obtidos ao longo das pesquisas anteriores e busca aprofundar a compreensão do tratamento do tema do acaso como portador de uma perspectiva ética na poesia francesa moderna e contemporânea. Com base na perspectiva colocada por Georges Bataille, a da poesia como busca do impossível e da experiência interior, o projeto propõe interrogar diferentes modalidades de tratamento do tema do acaso na obra de alguns poetas franceses dos séculos XIX, XX e XXI, como Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Guillaume Apollinaire, Max Jacob, André Breton, Michel Deguy, Pierre Alferi. Ora tematizado em textos que se

apresentam como poéticas, ora observado em ação na composição do poema, o acaso é uma das grandes questões desses poetas. Na sua potência de entrelaçamento de caminhos capitais para nossa civilização, o acaso pode ser figurado como essa encruzilhada diante da qual o sujeito humano questionaria o seu percurso interpretativo do mundo. Frente à variedade de tratamentos do tema, não se trata aqui de identificar em que medida o poema é efetivamente tributário do acaso ou do cálculo, mas de ver na escrita desses importantes poetas franceses modernos e contemporâneos que papel é reservado ao acaso na cena de suas poéticas. O estudo do tema permite aprofundar a compreensão das poéticas da modernidade e refletir sobre a poesia em seu devir atual e em suas estratégias de representação dos conflitos entre o homem e o mundo, e acena para outros temas correlatos, como os da hospitalidade, da tradução e da dimensão autobiográfica do pensamento filosófico, especialmente em Jacques Derrida. Com este projeto, o CNPq me concedeu bolsa de produtividade nível 1 D, com vigência de 2013 a 2017.

A concessão das bolsas e posteriormente a passagem para o nível 1 foram fatores muito motivadores para o prosseguimento das minhas atividades, doravante respaldadas pelo reconhecimento da sociedade brasileira, através do CNPq. Assim, na continuação do trabalho consolidado ao longo de vinte e três anos de atuação institucional na UFF (dos quais cerca de dezessete na Pós-Graduação), estes projetos vêm trazendo resultados que considero positivos para meu desenvolvimento profissional como pesquisadora e formadora de recursos humanos.

Venho, assim, trabalhando na área de estudos de poesia francesa, e eventualmente na interface desta com a brasileira, num diálogo com a filosofia e os estudos de tradução, através da atuação na UFF (no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e na Subárea de mesmo nome) e das colaborações com colegas pesquisadores de outras Subáreas ou de outras Universidades. Destacam-se, dentre as minhas parcerias mais frequentes, as mantidas com Ângela Dias e Eurídice Figueiredo, ambas da UFF, Marcelo Jacques de Moraes, da UFRJ e

Marcos Antonio Siscar, que já atuou na Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (UNESP) de São José do Rio Preto e atualmente está vinculado à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Entre os parceiros internacionais, posso apontar Jacob Rogozinski (Université de Strasbourg), Michel Collot (Université de Paris 3) e Christophe Bident (Université de Picardie), que acolheram doutorandos meus em estágio sanduíche; Rosa Maria Martelo e Ana Luísa Amaral (Universidade do Porto), com quem participei de um convênio UFF – UFRJ – U. Porto; e os professores eméritos Inês Oseki (Université de Provence) e Michel Deguy (Université de Paris VIII), parceiros para projetos na área de tradução e poesia.

5. Atuação em extensão

Meu envolvimento com a extensão universitária vem se caracterizando essencialmente pela organização de eventos científicos que não se restringem ao meio universitário, mas são abertos ao público em geral, visando a envolver outros atores sociais além dos alunos inscritos nos cursos de Graduação e Pós-Graduação na aventura do pensamento, oferecendo assim um retorno à sociedade curiosa sobre os resultados de pesquisas financiadas por ela.

Em parceria com professores da UFF ou de outras Instituições, organizei os eventos: Seminário *Teatralidades na Literatura e na Arte Contemporânea*, com Ângela Dias e Franklin Dassie, e Simpósio *Poéticas da Tradução* (dentro do Congresso da ABRAPT), com Marcelo Jacques, Masé Lemos (UNIRIO) e Izabela Leal (Universidade Federal do Pará – UFPA), em 2013; Seminário *Teatralidades da Escrita*, com Ângela Dias e Franklin Dassie, em 2012; Seminário *Política e Produção de Subjetividades: Arte e Ficção Contemporânea*, com Ângela Dias, em 2011; Colóquio Internacional *As Flores do Mal: 150 Anos*, com Edson Rosa da Silva (UFRJ) e Marcelo Jacques, em 2007; III Seminário de Estudos Literários e Filosóficos - *Valores do Abjeto*, com Ângela Dias, em 2005; Seminário *Estéticas da Crueldade* com Ângela Dias, em 2003; e I Seminário de Estudos Literários e Filosóficos: *Em torno de Jacques Derrida*, com Evando Nascimento (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF) e Celia Pedrosa (UFF), em 2000. Com exceção do Simpósio *Poéticas da Tradução*, que ocorreu na UFSC, e do Colóquio sobre *As Flores do mal*, que ocorreu na Casa de Rui Barbosa, os demais eventos foram realizados na UFF.

Para setembro de 2015, preparo um *Seminário sobre Poesia* contemporânea francesa e brasileira em suas interfaces com as artes, em parceria com Marcelo Jacques, Masé Lemos e Bénédicte Gorrillot (Université de Valenciennes). O evento acontecerá no Colégio de Altos Estudos/ UFRJ.

Recentemente, participei também de alguns júris de concursos literários da UFF abertos à comunidade em geral ou à comunidade do Instituto de Letras (discentes e servidores técnicos), uma edição do Prêmio de Literatura EdUFF e duas edições do Concurso Literário do Instituto de Letras, colaborando na organização e/ou na avaliação das produções literárias apresentadas pelos concorrentes. Esta é sempre uma posição muito delicada, em se tratando de um objeto, o literário, que é visto pela Universidade sob o ângulo de especificidades técnicas e filosóficas frequentemente desconhecidas pelo assim chamado “leigo”, que imagina a literatura como o espaço de livre fluxo de suas memórias e sentimentos, onde qualquer demanda de reflexão metalinguística é temida como intromissão da Lei em seus domínios subjetivos...

No balanço final, apesar dessa problemática em torno da compreensão do literário, considero válida a experiência e estou pronta a repeti-la quando aparecer nova ocasião, pois o acesso ao mundo real, “*extra muros*”, é uma rara oportunidade para se testar a validade do pensamento teórico.

6. *Atuação em gestão acadêmica*

Convencida da importância fundamental da participação dos professores na gestão acadêmica da Universidade, eu venho me entregando regularmente à atuação em funções executivas e representativas, não apenas na gestão da UFF, mas também em diferentes atuações relacionadas à gestão acadêmica em geral, além de participar com frequência de todo tipo de comissão junto ao Departamento ou à Pós-Graduação, para diversos fins: avaliação de projetos e de progressão funcional de colegas professores, avaliação de pedidos de credenciamento e reconhecimentos junto à Pós, revalidação de diplomas, enfim, a lista é bastante longa.

Dentre as atividades de gestão desenvolvidas na UFF, posso destacar: a Vice-Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, no período entre 2010 e 2014; a Coordenação da Especialização em Tradução (Francês) entre 2004 e 2008, e também a Vice-Coordenação desse curso entre 2000 e 2004; além da participação nos Colegiados de Unidade (entre 2004 e 2008) e do Curso de Letras (entre 1997 e 1999). Sondada no segundo semestre de 2014 para assumir a Coordenação da Pós-Graduação em Estudos de Literatura após o término do mandato do Coordenador anterior, Sílvio Renato Jorge, recusei, em função de novas configurações familiares, que me deixam menos tempo disponível para o exercício de uma função de tamanha responsabilidade.

Também considero relevantes a atuação no Comitê Assessor de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação – PROPI UFF, no biênio 2008-2010, no qual entrei como suplente e posteriormente funcionei como titular, em função da impossibilidade de permanência no comitê, por motivos de saúde, da colega Claudia Roncarati, de saudosa memória; e a Vice-Coordenação do GT de Teoria do Texto Poético da ANPOLL, no biênio 2002-2004, que também acabou se transformando em Coordenação efetiva, devido à saída para Pós-Doutorado da Coordenadora original, Ana Maria Lisboa de Mello, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sobre essas atividades desempenhadas em gestão acadêmica, eu diria que representaram para mim muitas horas de dedicação, muitas idas à Universidade além dos dias de aula, algum grau de estresse devido à pressão de prazos para a tomada de decisões ou ao teor dos assuntos discutidos, mas, em compensação, também o aprofundamento das relações humanas com certos colegas mais participativos, e bastante satisfação após tê-las cumprido, uma vez que ter estado em cada uma dessas posições me forneceu um ponto de vista inédito para observar e conhecer melhor o funcionamento da Universidade e da carreira universitária como um todo.

7. *Produção profissional relevante*

Das atividades desenvolvidas na UFF, surgiram vários produtos, distribuídos pelos três grupos mencionados no Anexo I da Resolução CEP nº. 543/2014, que foram listados e devidamente comprovados, como parte da primeira fase da avaliação com fins de progressão para Professor Titular. De certo modo, este Memorial seria uma espécie de “mensagem numa garrafa”, lançada ao mar com a esperança de ser encontrada no momento oportuno, quando então se leria o diário de bordo narrando as peripécias da navegação... Assim, se a Comissão estiver lendo estas páginas agora, isto quererá dizer que os produtos já terão sido avaliados e eu terei sido aprovada na primeira fase do processo. Não acredito, portanto, que haja aqui necessidade de ser redundante em relação ao detalhamento desses elementos já analisados.

Porém, com o objetivo de seguir a Resolução, quando ali se recomenda, sobre o Memorial, que:

§ 1º – O memorial deverá dar destaque aos fatos marcantes e méritos acadêmicos de sua trajetória, considerando as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, alinhadas com as atividades descritas no Artigo 5º da Portaria Nº 982, de 3 de outubro de 2013. O memorial será um texto redigido em língua portuguesa, de caráter descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, com revisão gramatical e ortográfica, e impressa em formato A4, em ambas as faces da folha. Na elaboração do memorial o candidato deverá evidenciar, quando couber:

- As conexões entre as atividades de ensino, pesquisa, extensão e outras por ele realizadas;
- A sua contribuição particular para o desenvolvimento do ensino e da sua área de conhecimento;
- Uma análise crítica do estado atual do seu campo de pesquisa e do significado do conjunto de sua produção científica própria dentro desse quadro geral;
- Uma análise crítica de sua inserção e contribuição com o desenvolvimento da sociedade em geral, via as suas ações extensionistas;
- A sua contribuição particular para o desenvolvimento institucional da Universidade Federal Fluminense, via as suas atuações nos diversos campos da administração da mesma.

incluí também um quantitativo dos totais de produção, gerado pela Plataforma Lattes, ainda que as suas categorias não sejam exatamente as mesmas da Resolução, para oferecer uma visão geral dessa atividade, como segue.

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico 22
Artigos aceitos para publicação 1
Livros publicados 4
Livros publicados 3
Capítulos de livros publicados 18
Livros organizados ou edições 2
Livros organizados ou edições 3
Jornais de Notícias 9
Revistas (Magazines) 1
Trabalhos publicados em anais de eventos 17
Apresentações de trabalhos (Conferência ou palestra) 11
Apresentações de trabalhos (Congresso) 6
Apresentações de trabalhos (Seminário) 3
Apresentações de trabalhos (Simpósio) 20
Apresentações de trabalhos (Outra) 5
Traduções (Artigo) 7
Traduções (Livro) 5
Traduções (Outros) 8
Prefácios(Livro) 3
Apresentações (Livro) 8
Apresentações (Revistas ou periódicos) 2
Introduções (Revistas ou periódicos) 1
Introduções (Livro) 1
Demais produções bibliográficas 17

Produção técnica

Trabalhos técnicos (assessoria) 12
Trabalhos técnicos (consultoria) 2
Trabalhos técnicos (parecer) 31
Editoração (periódico) 4
Relatório de pesquisa 2
Outra produção técnica 1

Orientações

Orientação concluída (dissertação de mestrado orientador principal) 5
Orientação concluída (tese de doutorado orientador principal) 11
Orientação concluída (monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização) 6
Orientação concluída (iniciação científica) 11
Orientação em andamento (dissertação de mestrado orientador principal) 1
Orientação em andamento (tese de doutorado orientador principal) 2

Eventos

- Participações em eventos (congresso) 16
- Participações em eventos (seminário) 18
- Participações em eventos (simpósio) 5
- Participações em eventos (oficina) 1
- Participações em eventos (encontro) 17
- Participações em eventos (outra) 12
- Organização de evento (concurso) 1
- Organização de evento (outro) 9
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (mestrado) 20
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (doutorado) 27
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (exame de qualificação de doutorado) 15
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (graduação) 1
- Participação em banca de comissões julgadoras (concurso público) 5
- Participação em banca de comissões julgadoras (outra) 12

Produção artística/cultural

Outra produção artística/cultural 8

Demais trabalhos relevantes

Demais trabalhos relevantes 5

De resto, me limitarei apenas a sublinhar brevemente alguns aspectos ainda não comentados dessa produção, na tentativa de caracterizar suas marcas singulares, dentro do conjunto do meu trabalho, pensado como contribuição para a área de estudos.

Ao elaborar este Memorial, tornou-se bastante visível para mim, em todos os eventos, todas as coletâneas e todos os números de periódicos que organizei, a marca da parceria, às vezes em grupo de três, mas em geral envolvendo duplas. Com Ângela Dias, Eurídice Figueiredo, Vera Casanova (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG), Evando Nascimento, realizei algumas das minhas publicações acadêmicas mais relevantes, respectivamente: os livros *Valores do abjeto* (EdUFF, 2008) e *Estéticas da crueldade* (Atlântica, 2004), *O francês e a diferença* (7Letras, 2006), *Viver com Barthes* (7Letras, 2005), *Em torno de Jacques Derrida* (7Letras, 2000); além disso, editei o número 17 da Revista Alea – Estudos Neolatinos *Derrida, relances*, 2015, em colaboração com Marcos Siscar e Marcelo

Jacques, organizei o número 31 da Revista Gragoatá *Cruzamentos interculturais*, 2011, em colaboração com Ângela Dias e o número 13 da mesma Gragoatá, *Lugares da Tradução*, 2003, em colaboração com Fernando Afonso de Almeida (UFF).

Com previsão para abril de 2015, está sendo finalizada a publicação do livro *Teatralidades contemporâneas: cenas de arte e ficção*, coletânea que reúne os trabalhos apresentados no Seminário de mesmo nome, realizado em 2013, e que recebeu o apoio APQ3 da FAPERJ em agosto de 2014, pela Editora Confraria do vento, mais uma vez em parceria com Ângela Dias. O livro parte da reflexão sobre elementos mais especificamente relacionados à arte teatral e segue em direção ao terreno mais especulativo das trocas performáticas entre artes, experiências e saberes, contando com colaborações de pesquisadores como Raúl Antelo, Evando Nascimento, Ana Paula Kiffer (Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio), Ana Cristina Chiara (UERJ), Rosana Kohl Bines (PUC-Rio) e Carla Miguelote, entre outros.

As traduções também são afetadas por essa constante da parceria: em colaboração com Marcos Siscar, traduzi *Reabertura após obras*, livro de ensaios poéticos de Michel Deguy (EdUNICAMP, 2010) e *Os animais de todo mundo*, livro de poesia de Jacques Roubaud (Cosac Naify, 2006), traduzi e organizei, com textos de introdução, a antologia de poemas de Michel Deguy, *A rosa das línguas* (Cosac Naify; 7Letras, 2004); em colaboração com o poeta e editor Carlito Azevedo, traduzi “Poesia e cenário: o interior, o excesso, o nada – a propósito do ‘Lamento das puberdades difíceis’ ”, artigo de Pascal Durand (*Inimigo Rumor* – revista de poesia. n. 16, 2004); em colaboração com Luiz Fernando Medeiros de Carvalho, traduzi *Rua Ordener, rua Labat*, livro autobiográfico de Sarah Kofman (Caetés, 2000).

Além da tradução em dupla, houve também algumas aventuras mais solitárias: “Não culpado”, artigo de Michel Deguy, Revista *Gragoatá* n. 31, 2011; “Viver junto”, artigo de Romaric Sulger Büel (*Viver com Barthes*, 2006); *Começo*,

autobiografia poética de Nathalie Quintane (Cosac Naify; 7Letras, 2004); “As denominações órficas da sobrevivência. Derrida e a questão do pior”, artigo de Serge Margel (*Em torno de Jacques Derrida*, 2000); “Antropologia e poesia”, artigo de Michel Deguy (*Inimigo Rumor* – revista de poesia. n. 7, 1999). Ainda assim, a cada uma dessas traduções, algum amigo de boa vontade era convidado a ler e dar sugestões.

Através do trabalho em dupla, a realização do produto aparece como mediada pelo diálogo, e transmite, para além dos resultados das pesquisas em si, um método colaborativo de trabalho que ecoa, talvez, a relação que venho buscando construir entre literatura e filosofia, essas duas disciplinas parceiras; ou, ainda, a relação entre o tradutor, esse “segundo autor”, e o autor do texto original.

Em relação aos produtos mencionados acima, aliás, eu gostaria de chamar a atenção para o fato de alguns deles não terem sido contemplados pela referida Resolução do CEP. Isso é verdadeiro especialmente no que diz respeito às traduções, que venho realizando, em publicações com o apoio do Ministério francês de Assuntos Exteriores e com boa repercussão devida à qualidade da divulgação proporcionada pelas editoras que as publicaram, como a Editora da UNICAMP e a Editora Cosac Naify, em especial.

Igualmente, dentre as coletâneas em coorganização, aquelas publicadas pela Editora 7Letras e pela Editora Atlântica ficaram de fora da lista de atividades, pela característica dessas editoras de não possuírem corpo editorial; além destas, também foi excluído o pequeno livro *O preço da poesia. Pequena meditação em quatro tempos sobre valor e literatura*, que publiquei pela Lumme Editor em 2011, pelo mesmo motivo. Os capítulos de livros nessa situação foram lançados no contexto desta avaliação como “publicação em evento internacional” e “publicação em eventos com apoio de órgãos públicos”, mas supus que isso valeria apenas para textos publicados “em eventos”, sem se aplicar à publicação de livros “de eventos”.

Assim, para dar mais elementos a esta Comissão na sua tarefa de avaliação, optei por incluir as comprovações dessa parte da produção em anexo ao Memorial, uma vez que os produtos a que se referem têm inegável relevância para o percurso aqui descrito.

8. *A escrita literária: um suplemento*

Além de textos críticos em livros e periódicos especializados na área de literatura e dos trabalhos realizados no campo da tradução, conforme apresentado anteriormente, sou autora dos livros de poesia: *A fábrica do feminino*. RJ: 7Letras, 2008, selecionado no Prêmio Petrobrás Cultural de Criação Literária e patrocinado através da Lei Federal de Incentivo à Cultura do MinC; *Quase uma arte*. SP; RJ: Cosac Naify; 7Letras, 2005; *A vida espiralada*. RJ: Caetés, 1999. *Quase uma arte* foi finalista dos Prêmios Literários Jabuti e Portugal Telecom; *A fábrica do feminino* foi semifinalista do Prêmio Literário Portugal Telecom.

Publiquei poemas em diferentes revistas e antologias, no Brasil e no exterior. Participei como representante do Brasil no Festival *Europalia* (Bélgica, 2011), com leituras poéticas e apresentações nas cidades de Antuérpia e Bruxelas, tendo tido alguns poemas traduzidos e publicados nas antologias lançadas por ocasião do evento: *La poésie brésilienne aujourd'hui* (organização da professora da UNIRIO e pesquisadora da Casa de Rui Barbosa Flora Sússekind, com tradução de Patrick Quillier) e *Vijfentwintig keer Brazilië / Vinte e cinco no Brasil* (organização de Flora Sússekind, com tradução de Harrie Lemmens e Bart Vonck). Também tive textos traduzidos pela renomada tradutora e pesquisadora Inês Oseki (França, poemas na Revista *Action poétique*), por Ferenc Pál, professor da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste (Hungria, poemas na Revista *Nagy Világ*), pelo professor da UFF Rodrigo Labriola (todo o livro *Quase uma arte* saiu na Argentina em 2013).

Algumas leituras críticas foram feitas sobre minha produção poética. Os poetas e professores Marcos Siscar e Ana Luísa Amaral escreveram, respectivamente, um prefácio e um posfácio para dois de meus livros (“A poesia que se desconhece” para *Quase uma arte* e “Da falta ou do excesso: fabricar o poético” para *A fábrica do feminino*). Adalberto Müller (antigo professor da Universidade de Brasília – UnB, atual professor da UFF), Susana Scramin

(UFSC), Masé Lemos e Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO) também já escreveram pequenos comentários ou resenhas na imprensa. A interessante coleção *Ciranda da poesia* da EdUERJ lançará, em breve, um pequeno livro dedicado à minha produção, escrito por Inês Oseki.

Menciono aqui também a minha mais recente produção literária, algo como uma pequena peça de teatro (trata-se, ao menos, de um discurso teatralizado pela presença de diálogos entre personagens que funcionam um pouco à maneira dos personagens conceituais mencionados por Deleuze em *O que é a filosofia?*). Uma dessas personagens, aliás, tem estranhos hábitos, como o de querer trabalhar durante o Carnaval – que é exatamente o que estou fazendo neste momento da escrita do Memorial, embora atribuir-lhe esse hábito tenha sido inicialmente uma evocação do período de escrita da “peça”, durante um Carnaval anterior... Essa “peça” tem como título *Rede*, e foi publicada no final de 2014 pela editora carioca Confraria do vento. Por um certo ângulo, ainda se trata de poesia; mas também se trata de crítica, por outro ângulo.

Dentro do possível, e em face do investimento que fiz na “vida literária” brasileira, assim, considero bem-sucedidas as minhas tentativas de exercer essa palavra “outra”, diferente da palavra da autora de textos críticos. O mais interessante é que, progressivamente, a partir do momento em que assumi essa escrita “outra”, a escrita crítica ficou mais leve. São experiências bem diferentes: por um lado, frequentar sempre o mesmo lugar por falta de opção, por outro lado, frequentar um lugar com a consciência de que há outros lugares aonde se pode ir. Essa cripta ficou, portanto, mais aceitável desde que foi dotada de uma saída de emergência, e pude voltar a gostar dela.

Dessa maneira, se explica a ideia de suplemento destacada no título do Memorial: trata-se da relação com um outro que, de certo modo, é um mesmo diferido e, por isso, é incapaz de complementar, terminando por exceder o contexto original da oposição. Dito de outra maneira, a escrita poética pode ter sido inicialmente desejada para completar a escrita crítica, mas ao ser exercida, ela retorna sobre a escrita crítica, revelando-a e não mais se opondo a ela. Afinal,

em ambas, venho buscando a condensação, a *intensidade* no uso da linguagem (no sentido deleuziano do termo) e a reflexividade como princípio de composição.

Cito, então, nesse sentido, à guisa de conclusão deste Memorial, algumas ideias que nortearam o texto de *Rede*, e que foram recolhidas na espécie de posfácio que acompanha o trabalho:

A imagem da rede, presente neste texto, indica o tipo de trabalho que se desejou realizar aqui: um pensamento-escrita com a potência de tocar, ao mesmo tempo, na rede de discursos e imagens que norteiam a existência social humana e na rede de obras que constitui a tradição cultural e é matriz de qualquer novo trabalho artístico ou teórico. A rede é portadora de grande complexidade, sendo simultaneamente aprisionadora e liberadora, e merece, por isso, lugar de destaque no texto.

Quanto ao gênero, esta ficção crítica vem se situar na confluência de duas fontes de palavra. O seu jogo consistiria em *in-separá-las*. Se, a princípio, numa visão mais convencional do saber e da linguagem, pode-se relacionar o *que* à crítica (foco: ter, conhecer o objeto) e o *quem* à performance ou à ficção (foco: ser, erigir-se sujeito), em tempos de *pós-crítica*, de *pós-poesia*, de *pós-dramático* e de *biopolítica*, porém, coisas e seres se confundem, de modo às vezes ameaçador, às vezes promissor. Atravessamos uma zona de circulação entre o *quem* e o *que*, já apontada por alguns, como Giorgio Agamben no seu comentário da meditação de Gershom Scholem sobre os termos do Zohar, *Mi* e *Mah*^{*}, e Jacques Derrida na sua remissão constante ao *qui* e ao *quoi*^{**}.

Há algum riso nesta espectrologia intelectual, que desconfia de certos pensamentos que a nutrem no mesmo gesto em que os homenageia e rende tributo a eles. Afinal, ela é também uma comédia da interpretação, que revisita diversos lugares e discursos já tratados anteriormente na linguagem do “projeto”, para citar o eternamente delicioso Georges Bataille^{***}. A vantagem, neste teatro mental, é a leveza resultante do *incógnito* da maioria das obras e propostas evocadas, a maior liberdade de criar personagens conceituais, e, principalmente, a alegria da inconclusão.⁹

^{*} *Ideia da prosa*. (Nota do original).

^{**} Por exemplo, mas disseminadamente presente em vários outros textos, em *Papel máquina*. (Nota do original).

^{***} *A experiência interior*. (Nota do original).

⁹ GLENADEL, Paula. *Rede*. Rio de Janeiro: Confraria do vento, 2014, p. 69-70.

Anexo

(Comprovações de produção não contemplada pela resolução CEP nº. 543/2014, porém relevante para o percurso apresentado no Memorial)

Principais Traduções realizadas (I a VIII):

Reabertura após obras (EdUNICAMP, 2010)

Os animais de todo mundo (Cosac Naify, 2006)

A rosa das línguas (Cosac Naify; 7Letras, 2004)

Começo (Cosac Naify; 7Letras, 2004)

Principais Livros publicados em editora sem corpo editorial, porém com apoio de órgãos públicos ou por iniciativa de editoras comerciais (IX a XIII):

O preço da poesia. Pequena meditação em quatro tempos sobre valor e literatura
(Lumme Editor, 2011)

O francês e a diferença (7Letras, 2006)

Viver com Barthes (7Letras, 2005)

Estéticas da crueldade (Atlântica, 2004)

Em torno de Jacques Derrida (7Letras, 2000)